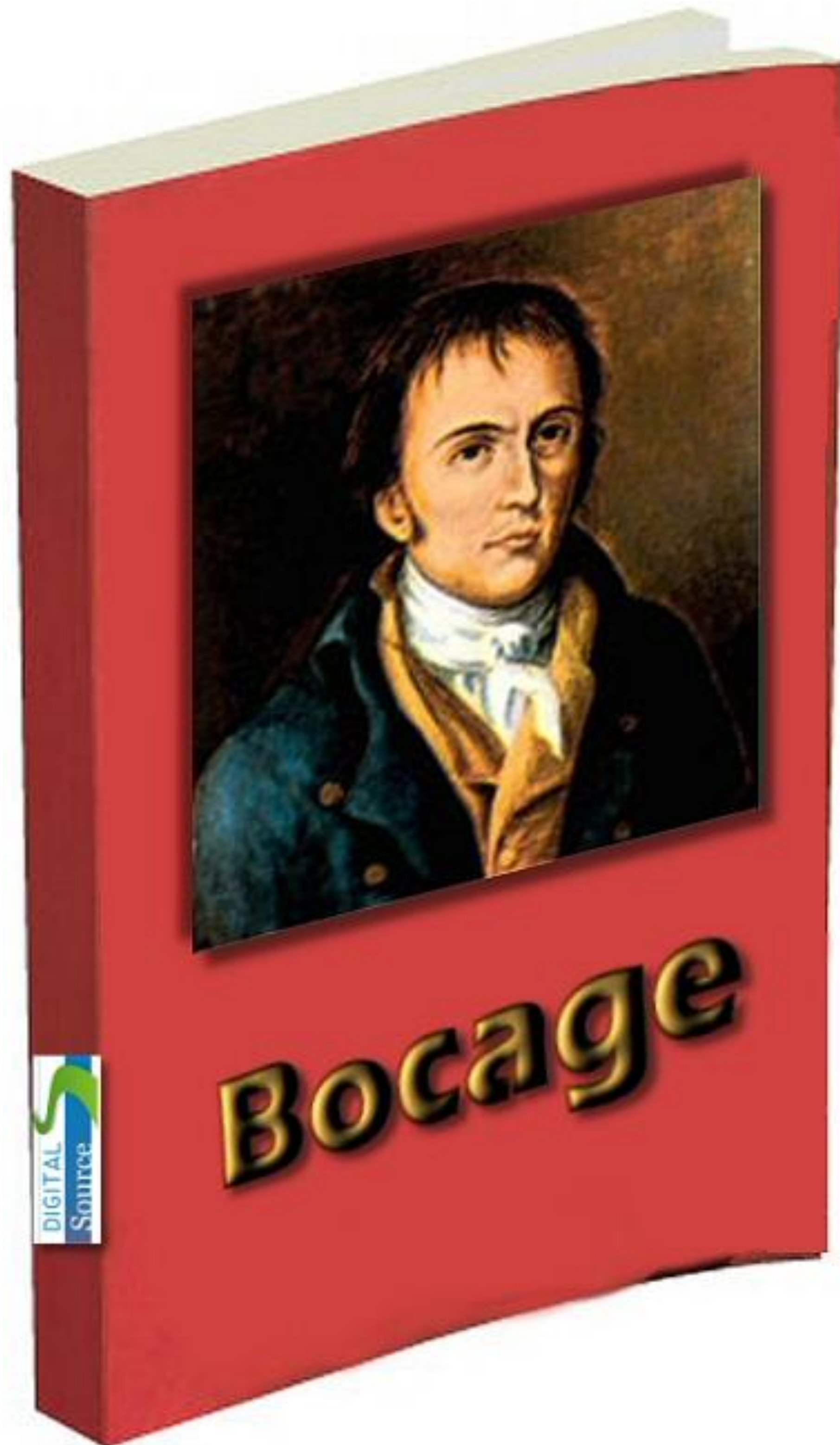
Manuel Maria de Barbosa du Bocage
A virtude laureada



Título: A virtude laureada
Drama Recitado no Teatro do Salitre

Autor: Manoel Maria de Barbosa du Bocage

Composto, e Dirigido ao Reverendíssimo Padre Mestre Fr. José Mariano Da Conceição Veloso,

Administrador da Impressão Regia, e Deputado da Junta Económica, Administrativa, e Literária da mesma Impressão, etc. etc.

Por seu muito devedor, e amigo

Manoel Maria de Barbosa du Bocage

Lisboa,
Na Impressão Regia

Ano M.DCCC.V.

Por ordem superior.

ADVERTÊNCIA.

Seria injustiça exigir o desempenho de todos os Preceitos Dramaticais numa composição deste género, cujo mérito essencial é aprazer aos olhos por meio do espectáculo, e variedade das Cenas.

Nudo... occurrit, per se pulcherrima, Virtus.
Cardos. Cant. de Tripol.

Ao Reverendíssimo Padre Mestre e Senhor Fr. José Mariano da Conceição Veloso.

EPÍSTOLA.

Qual dentre as rotas, náufragas cavernas
Do lenho que se abriu, desfez nas rochas,
Colhe afanoso, deplorável Nauta
Relíquias ténues, com que a vida esté,
Em erma, ignota praia, a que aboiaram,
E onde a custo o remio propícia antena:
Tal eu, que da Existência o Pego, o Abismo,
(De que assumam, rebentam, rugem, fervem
Rochedos, Escarcéos, Tufões, e Raios)
Tal eu, que da Existência o Mar sanhudo
Vi romper meu Baixel, e arremessar-me
A inóspitos montões de estranha área,
Triste recolho os míseros sobejos,
Com que esvaído alento instaure, esforce,
E avive os dias, que amorteço em mágoas.

Em ti, constante, desvelado Amigo,
Demando contra a Sorte asilo, e sombra;
Oh das Musas Fautor, de Flora Aluno!
(Rasgado o véu da Alegoria) estende
Ao Metro, que desvale, a Mão, que presta.
Se azas lhe deres, em suave adejo
De Lísia ao seio, que a Virtude amima,

Dela Cultores, voarão meus Versos,
E o Pátrio, doce Amor ser-lhe-á piedoso.

Bocage

ACTORES.

A Ciência.
A Hospitalidade.
A Indigência.
A Polícia.
A Libertinagem.
O Génio Lusitano.

ACTO ÚNICO

Praça magnífica sobre as Margens do Tejo.

CENA I

"A Ciência por um lado, e a Indigência por outro, com a Hospitalidade."

"Ciência"
Eu, que elevo os Mortais, e os esclareço,
Que meço a Lua, o Sol, que o Mundo abranjo,
Que da vetusta Idade aclaro as sombras,
Que entro por seus arcanos, e revoco
Dentre o pó, dentre a cinza, dentre o Nada
Ao Século vivente as Eras mortas;
Que dócil fiz o indómito Oceano,
Abismo de pavor, de bojo imenso,
Que só por alta Lei não sorve a Terra;
Eu, do grão Jove, Confidente e Imagem,
Que do Fado os Mistérios desarreigo,
E com a Moral dos Céus cultivo o Globo;
Eu, a Ciência, eu Fonte, eu Mãe das Artes,
Que sei desirmanar na Inteligência
Entes, na forma iguais, na espécie os mesmos,
Tornando-os entre si tão desconformes,
Qual dista do Selvagem bruto, e fero,
Macio Cidadão, que as Leis polirão,
Ah! não posso impetrar, colher dos Numes
Para os Alunos meus pavês sagrado
A teus golpes, Fortuna, inteiro, ileso!

Sem que benigna mão lhe adoce os Fados,
Sem que escassa piedade o chame à vida,
De vigílias mirrado o Sábio morre.
Almas corrompe do Egoísmo a peste;
Camões, Homeros na penúria cantam:
Ei-los com a glória temperando a sorte;
Soam prodígios de hum, prodígios de outro;
Férrea Caterva os ouve: admira, e foge.
Só quando o Vate é cinza, o muito é nada,
Por eles se interessa o Mundo ingrato;
Na gloria estéril de Epitáfio triste
Sólidos bens o Bárbaro compensa:
Contraditória Umanidade insana!
No insensível sepulcro os Sábios honra,
E os Sábios não remio na desventura!
Quais eles foram diz, não diz, qual fora:
Nas almas frias o remorso é mudo.
Ai dos Alunos meus! Socorre-os, Fado,
Risca do Livro eterno o duro artigo,
Que ao Mérito, ao Saber seus prémios veda;
Aquece os Corações no ardor da Glória,
Fraterniza os Mortais; onde suspiram,
Os poucos Filhos meus com a Mãe prosperem,
E onde com seus inúmeros sequazes
Colhe triunfos, a Ignorância gema.

"Indigência"
Mãe venerável, teu queixume ouvindo.
Amarga-me da vida o fel em dobro.
A filha tua, a mísera Indigência,
Que muda te escutou piedosas mágoas,
Contigo vem gemer, carpir contigo
A moral corrupção, que empesta o Globo.
Plagas e Plagas, entre as Sócias minhas,
Entre as mansas Virtudes, hei vagado.

Pela voz da Pureza (a que é de todas
A mais formosa) deprequei o auxílio
De inchado Cortesão, que um Deus se cria.
Melindre, Candidez, virgínea Graça
(Qual flor, em que era orvalho o doce pranto)
Aos olhos do Soberbo expôs seus males.
De gesto aceso, ovante, ele a contempla,
Nem um momento à dor constrange o vicio:
Em vil proposição, que as Fúrias ditam,
Profana da Inocência o casto ouvido,
E em cambio da virtude exige o crime.

"Ciência"
Céus! Que infâmia! Que horror! Prossegue, ó Filha,
Sucumbiu a Inocência à vil proposta?

"Indigência"
Não, que nos olhos meus velavam Deuses,
Fautores da Virtude: escuta e folga.
O celeste rubor, que tinge a Aurora,
Sobe à face gentil, e as rosas brilham,
Mas súbito tremor branqueei-as logo;
Ei-la, de olhos no Céu, recua e geme:
Eu, porém, que no efeito observo a causa,
Ao sedutor pestífero arrebato
O objecto divinal, que o torna um Monstro.

"Ciência"
Olha o Céu na Inocência a imagem sua.

"Indigência"
Murchas no horror do abominável caso,
Inda contudo as esperanças minhas
Levei de lar em lar; devendo a poucos
Piedade acidental, bati cem vezes

Ás surdas portas de sumido Avaro,
(Sumido em subterrâneo abismo de oiro)
Falara o Monstro, se falasse a Morte,
O silencio dos túmulos o abrange
Ante o metal (seu Deus), que em férreos Cofres
Com a vista faminta o Vil devora
Servos dele (o poder é tal do exemplo!)
Depois de longo espaço, e vãs instâncias,
Com um desabrido - Não - me afugentaram.

"Ciência"
De tudo ha Monstros mil na Espécie humana,
Mas todos vence da Avareza o Monstro.

"Indigência"
Atende ao mais, e adoçarás teu pranto.
Do centro da Impiedade em fim retiro
Os fatigados pés, e os guio aos Campos,
Absorta nas imagens carinhosas,
Com que afagais a ideia, oh áureos Tempos.

"Ciência"
Se ali não ha Virtude, onde é que existe!

"Indigência"
Pobre choupana, que forravam colmos,
Humildes lares, que zelava um Nume,
Atraem meus olhos, e meu passo animam.
Chego, e curvo Ancião, que ali repousa,
Grande em seu nada, na indigência rico,
Sorrindo-se, me acolhe, amima, e nutre.
Santa Hospitalidade! Eras a Deusa,
Que o rugoso Varão, madura Esposa,
E imberbe Prole sua, abençoava!
Com milagrosas mãos os parcos frutos

Nas arvores fadadas avultando,
Para os errantes, pálidos Mesquinhos,
Que eterna Providencia lá dirige,
Leda colhias saboroso alento,
E qual outrora a um Deus, incluso no Homem,
Muito do pouco a teu querer surgia.

“Hospitalidade”
Conferiu-me esse dom quem té no insecto
Provê, do que lhe cumpre, a ténue vida.
Deixando influxos meus no casto albergue,
Onde Beneficência e Paz convivem,
Acompanhar-te quis ao vasto Empório
De Lísia, do Universo, à Grão Cidade,
Que espelha os Torreões no vítreo Tejo,
Donde sagradas Leis despede ao Ganges.
O Globo é puro aqui, e aqui parece
Estar inda na Infância a Natureza,
Bela, serena, cândida, inocente:
Príncipe amado, imitador dos Numes,
Ao Público Baixel meneia o leme;
Numera os dias seus por Dons, por Graças,
E o Mérito sem susto encara o Trono:
Se o gravame do ceptro acaso inclina,
É sobre os ombros de Ministros puros,
Dignos do alto esplendor, que sai da escolha.
Um deles, cujo nome é caro aos justos,
Que tem, que exerce o Ministério santo
De velar sobre o público Repouso,
Que encarcera, agrilhoa, oprime o vicio,
O contagio dos mãos aos bons evita,
E em piedoso Recinto abriga, instrui
A Puerícia, que em flor dispõe ao fruto,
Luceno, o Zelador dos são costumes,
Pai do Infortúnio, da Ciência amigo,

Guarida vos promete, exponde, exponde
Ao Ministro exemplar, meu claro Aluno,
A vossa condição: vereis descer-lhe
Dos olhos Paternais amável pranto,
Proveitoso, eficaz, não pranto estéril,
Que momentâneas sensações produzem,
E o Mérito infeliz, qual viram, deixam.
Em Luceno o favor segue a piedade,
Mortal, que os Imortais sem custo imita,
E o bem, só porque é bem, desenha, opera.
Eia, vinde: eu vos guio aos bem fazejos
Lares seus, Lares meus; sereis ditosas,
Oh Ciência! Oh Penúria: os Céus o ordenam.

CENA II

"O Génio da Nação, e as mesmas."

"O Génio da Nação."
Os Céus o ordenam, sim, vai, guia, oh Deusa,
Essa ilustre Infeliz, e a mesma Prole
Ao Magistrado exímio, ao Grande, ao Justo;
Cessem queixumes, esperanças folguem.
Ide, o Génio de Lísia, eu que dos Deuses
Tive alta comissão de olhar por ela,
De engrandecer-lhe, de afinar-lhe a Glória,
E honrá-la de opulência incorruptível;
Eu, que espontâneo dera o grão de Nume
Por este, que exercito, augusto emprego
De escudar Lísia com pavês dos Fados,
Oh Penúria! oh Ciência! Eu vos abono
Do Ministro sem par, favor, e asilo.

“Ciência”
O Céu por ti se exprime: o Céu não mente;
Oráculo de Jove, eu te obedeço:
Vejo sorrir-se ao longe amigos Fados;
Guia-me, ó Deusa.

“Hospitalidade”
Guio-te à ventura. *(“vão-se.”)*

CENA III

“O Génio só.”

Tereis o galardão, tereis o loiro
Que à virtude compete, imota, ilesa
Entre os duros vaivéns de iníqua, sorte:
Desgraçado o Mortal, se o chão não trilha
Por onde a mão de Jove arreiga espinhos,
Que súbito depois converte em flores!...
Mas que ufano Baixel retalha o Tejo! *[1]*
Brincam no tope flâmulas cambiantes,
E cambiante bandeira as ondas varre:
Eis voa, eis se aproxima!.. Um quase monstro,
De aspecto feminil, tigrinas garras,
De traje multicor, lhe volve o leme!
Que Turba enorme à sua voz mareia!
E o ferro curvo, e negro ao fundo arroja!
Desce a vaso menor a horrível Fúria,
Reconheço-lhe o rosto, os fins lhe alcanço....
Lá vem, lá toca sobre a área e salta.
Inimiga dos Céus*![2]* és tu, profana!
Sacrílega, falas, blasfemadora,
Peste dos Corações, Órgão do Averno!

Vens também macular com teus venenos,
Com hálito infernal, e atroz sistema
Campos, que meu bafejo Elísios torna!

[1] "Aparece um Baixel, donde pouco depois desembarca a Libertinagem com séquito numeroso."

[2] "Corre para ela."

"Libertinagem"

Órgão não sou do Averno, o Averno é sonho *[1]*
Para mim, para os meus, não sofro o jugo,
Que sobre Corações tão férreo pesa.
Fantásticos Deveres não me iludem;
O sensível me atrai, do ideal não curo,
Só de palpáveis bens fecundo a mente;
O Bando, que alicio, e que próspero,
Vive em prazeres, em prazeres morre.
Compleição dos Catões, Moral de ferro,
Fúria, Libertinagem me nomeia;
Mas o carácter meu destroe meu nome.
Delicias ao teu seio, ó Lísia, trago,
Não cruas opressões, nem agros males,
Que o Fantasma Razão produz, maquina;
Eu sou a Natureza: ela não manda,
Que o gosto oprimas, que os desejos torças;
As paixões contentar, não é loucura:
Prestar-lhe atenção, vontade, assenso,
É lei, necessidade, e jus dos Entes.
Olha: com ceptro de oiro impero, ó Lísia;
Franqueia o pensamento a meu sistema,
Despe imagens quiméricas e aprova,
Que a posse do Universo em ti remate.

[1] "Sentimentos abominosos da Libertinagem, refutados vigorosamente pelo Génio da Nação."

“Génio”

Enganas-te, Perversa, os Céus a escudam;
De Lísia puro Incenso aos Numes sobe,
arde em virtude, inflama-se na Glória;
Moral, Religião, saudável Jugo,
Que pesa aos Ímpios, que aos Iníquos pesa,
Nunca foi grave a Lísia, Herói supremo,
Que é na Terra, o que é Júpiter no Olimpo,
Aqui, não com violência, e não com arte,
Mas pelo exemplo morígera os Lusos,
Só menos, que as Deidades, venturosos.
Não manches estes Céus, Tartáreo Monstro,
Onde jaz da Virtude o trilho impresso.
Eco da Majestade, a voz te aterre
Do zeloso Ministro infatigável,
Luceno, ao Trono, ás Leis, aos Deuses curvo,
Que, em vínculo fraterno atando os Póvos,
Os vê curvos ao Trono, ás Leis, aos Deuses.
Negreja, a teu pesar, o horror, que doiras,
O Inferno, que não crês, de ti fumega,
E o Remorso tenaz te rói por dentro.
Este Povo de Heróis, de Irmãos, de Justos,
Teu carácter maldiz, teu nome odeia.
Aparta-te daqui... mas tu repugnas!
Guerreiros da Virtude, e flor da Pátria, *[1]*
Que limpais a Moral de intrusa escória,
Eia, apurai o ardor contra esse Monstro;
A vosso invicto Esforço a Fúria ceda,
Do Grémio da Inocência o Vicio fuja.

[1] “Sai Tropa armada, que trava peleja com os sequazes da Libertinagem, e os vai destroçando.”

“Libertinagem”
Não se alcança de mim vitória fácil.

“Génio”
Satélites da Glória: Avante, avante:
A Pérfida franqueia, a Palma é vossa.

“Libertinagem”
Colheste contra mim Triunfo inútil:
Lísia perdi, mas senhoreio o Mundo. *[1]*

[1] “Embarcam-se tumultuosamente, sempre acossados pela Tropa.”

CENA IV

“O Génio, e Tropa.”

Graças, ó Numes, sucumbiu a infame.
Heróis, eu vos bendigo o Márcio fogo,
O rápido valor, que num momento
A melhor das Nações salvou do estrago... *[1]*
Mas, Deuses, sofrereis, que noutro clima,
Talvez à infâmia sua ignoto ainda,
Sobre o lenho orgulhoso aporte a Fera,
E tóxico respire, e peste exale:
O sacri1egio pune; um raio, ó Jove,
Um raio a torne cinza, um raio abisme
O líneo Torreão no equóreo centro *[2]*
Anuiste-me, oh Deus: E chamas todo!
Lá cabe, lá se desfaz, e o Tejo o sorve.
Vai, Monstro , vai saber, desesperado,
Se é fantasma a Razão, se é sonho o Inferno,
Vai no horrendo tropel dos teus sequazes
De momentânea flama à flama eterna;

E eu, ministro dos Céus, submisso aos Fados,
Vou por mão de um Mortal encher seus planos. *[3]*

[1] "Vai-se a Tropa."
[2] "Cai o raio sobre o Baixel da Libertinagem, e o abrasa."
[3] "Vai-se."

CENA V

Cárcere subterrâneo, onde estarão os Vícios, e os Crimes agrilhoados, exprimindo variamente nos gestos a sua desesperação.

"A Polícia com Guardas."
Contra os Vícios comuns, que pouco empecem,
Exercer correcções não só me é dado.
Velai, Guardas fieis, sobre os Perversos,
Que a Polícia comete ao zelo vosso,
Até que o raio Némesis dispare
Com a férrea voz de Tribunal supremo.
Eu dos crimes terror, dos crimes freio,
A suplicio exemplar, que sare a Pátria
De ímpia contagiam, reservo aquele
De todos o mais duro, o mais funesto,
Que, instrumento servil de atroz vingança,
Tingiu vendida mão no sangue alheio.
Ao cutelo de Astréa em vão furtaste
Colo rebelde ás Leis, ó tu, cruento,
Lobo nocturno, que, vibrando as garras,
A mansos Cidadãos oiro, existência
De mistura usurpavas, sem que ao menos
Tremesse o coração, e as mãos tremessem.
Estes, mais que nenhuns, velar se devem,
Estes nas feias, subterrâneas sombras
Para o pavor da Morte a mente ensaiem.
Eu, Luz do bom Luceno, eu Alma, eu Tudo,

Corro, entretanto, a sugerir-lhe ideias,
Com que os públicos Bens floresçam, medrem.
A Ciência, e Penúria, antigas Sócias,
Em seus Lares por ele ha pouco ouvidas,
O fértil patrocínio lhe imploraram.
Em lagrimas lhes deu penhor singelo
De firme protecção: vós, Indigentes,
Seus efeitos vereis, vereis, ó Sábios,
Que a Mente, e o Coração por vós divido. *[1]*

[1] "Vai-se."

CENA VI

Salão Majestoso da Polícia, adornado das Estátuas de várias Virtudes.

"O Génio, e a Hospitalidade."

Eis-me na Estância da Polícia Augusta,
Cultora da Razão, das Leis, do Sólio,
A fitubante, a pávida Indigência,
Que já dos males seus alivio goza,
Por mão do Benfeitor, que os Céus inspiram,
Vem com a Sabedoria honrar seu nome,
De interna Gratidão, sagrar-lhe os cultos;
Mas profundo respeito os pés lhe tolhe,
E o Salão venerando entrar não ousão.

CENA ÚLTIMA

Os ditos, e a Polícia, que, ouvindo as ultimas palavras, sai de repente.

“Polícia”
Foi sempre este lugar franco à Virtude,
Entrai. *[1]*

[1] “Entram as duas.”

“Hospitalidade”
Longe de vós um vão receio.

“Polícia”
Cumpri vosso dever, tecei contentes
De Luceno o louvor. Matéria suma
As Virtudes vos dão, que resplandecem
Em brilhantes Estatuas majestosas
Neste brilhante, Majestoso Alcáçar.
Aquela, que risonha os olhos firma,
Como que rosto súplice atentando,
É a Benevolência, e diz no afago,
Que alguns, havendo a honra em mais que os lucros,
Ante duro Ministro enfreiam preces,
E só do Compassivo, e só do Afável
A presença demandam, que os conforte,
Que ao rogo num sorriso o efeito augure,
E não de altiva injúria avilte o rogo.
Esta é Exemplo, estoutra é a Inteireza;
Ali Fidelidade o jaspe anima;
Desinteresse além reluz, e avulta;
Mais perto voluntária Obediência
Curva o dócil joelho: eis as Virtudes,
Que formam, bom Luceno, o teu caracter,
Todas egrégias, necessárias todas.

“Ciência”
Verdade, e Gratidão nos lábios nossos,
Aprovam quanto soa em honra dele.

“Indigência”
Oh Reinante feliz com tais Vassalos!

“Polícia”
Folga, Ciência, e tu, Penúria, folga:
Dado me é recrear-vos, ser-vos guia
Ao Príncipe imortal, de quem reflectem
Raios de luz para o Ministro excelso,
Que o seu mor prémio tem na Régia Glória.
Curvai-vos, e admirai o Herói sublime,
Que Lísia adora, e que adorara o Mundo,
Se o Mundo todo merecesse olhá-lo. *[1]*
Vêde a seus pés o Magistrado insigne,
Que nele se revê, que a bem da Pátria
A Grandeza Real submisso implora.

[1] “Abre-se o fundo do Teatro, aparece o Retrato do Príncipe R. com o Magistrado a seus pés, oferecendo-lhe os Votos mais puros da Nação.”

“Hospitalidade”
Quanto a Virtude alteia a Dignidade.

“Ciência.”
Oh Júbilo: Oh Ventura!

“Indigência”
Eu pasmo, eu tremo.

“Génio *(Dirigindo-se para o retrato do Príncipe R.)”*
Herói, sacro aos Mortais, aceito aos Numes,
Olímpico Fulgor compõe teus dias;
Os Céus na minha voz mil dons te abonam,
Com meus olhos teu Povo os Céus vigiam,
O Comércio por ti de fé se nutre;

As Artes, a Virtude, as Leis triunfam;
No Sólio, no Poder tens base eterna;
Tua alma sobressai aos teus Destinos;
E de teu puro arbítrio esse órgão puro,
É digna escolha tua, aos Astros vê-a
No rasto de oiro, com que o Pólo esmaltas.
Súbditos de JOÃO, rendei mil cultos
Ao grão Regente, ao ínclito Carácter,
Que nele diviniza a espécie humana:
A voz da Gratidão se alongue em Vivas,
E cordial ternura os lábios honre.

(CORO)
Oh Luso Herói! Baixaste
Da Estância divinal!
Tu és um Deus visível,
Oh Príncipe imortal!

FIM.

SONETO

Meu ser evaporei na lida insana
Do tropel de paixões, que me arrastava,
Ah! cego eu cria, ah! mísero eu sonhava
Em mim, quaseimortal, a essência humana:

De que inúmeros sóis a mente ufana
Existência falaz me não doirava!
Mas eis sucumbe a Natureza escrava,
Ao mal, que a vida em sua origem dana.

Prazeres, sócios meus, e meus tiranos,
Esta alma, que sedenta em si não coube,
No abismo vos sumiu dos Desenganos.

Deos... oh Deus! quando a morte a luz me roube,
Ganhe um momento o que perderam anos,
Saiba morrer o que viver não soube.

"Bocage."

SONETO

De peito impenetrável sempre ao susto,
Ledo entre as armas, a folfar no p'rigo,
Ó França, teu magnânimo inimigo,
Por timbre teu não triunfou sem custo.

Ardendo em gloria o coração robusto,
Onde teve o trofeu, teve o jazigo:
Nelson venceu, venceu por uso antigo;
Mas da vitória foi desconto injusto.

Bem que nadante a Gália em rubro lago,
(Domando a morte quem seus brios doma)
Crê reparar com isto imenso estrago!

Ah! donde um Nelson cai, logo outro assoma,
Assim, de Heróis privando-te Cartago,
Heróis ferviam no teu seio, ó Roma.

"Bocage."

SONETO

Mãe de Chefes Heróis, de Heróis soldados
A Galia herdou de Roma o génio, a sorte;
Seus filhos no ígneo jogo da Mavorte
Virão Márcios Leões tremer curvados.

Mas alta Lei dos Penetrais Sagrados
Baixou, que o fatal ímpeto reporte:
Fervendo em raios no Oceano a morte,
Te obedece, ó Britânia, ao mando, aos Fados.

No Continente o Galo é Deus da guerra;
O Anglo audaz sobre o pélago iracundo
Da vitória os pendões, troando, aferra...

Ah! nutram sempre assim rancor profundo.
Um triunfa no mar, outro na terra:
Se as mãos se derem, que será do Mundo!

"Bocage."

SONETO

C'um Diadema de luz no Elísio entrava
Envolto Nelson em sanguíneo manto!
Lavrou nos Manes desusado espanto,
E a turba dos Heróis o rodeava.

Grita Alexandre (e nele os olhos crava)
Quem és, que entre imortaes fulguras tanto?
Sou (lhes diz) quem remio de vil quebranto
Europa curva, opressa, e quase escrava.

Deixei de sangue o pego rubicundo;
Trofeus em meu sepulcro a Pátria arvora;
Raio ardi sobre o Galo furibundo...

Nisto de novo o Macedónio chora:
O que imensa extensão venceu do Mundo,
Quem vencera um só povo inveja agora.

"Bocage."

“Á Memória de Ulmia.”

SONETO

Quando meu coração de Amor vivia,
Ufana a liberdade em ver-se escrava,
E quando para mim se variava
O Céu num riso, o Céu num ai de Ulmia!

Das escuras Irmãs a mais sombria,
E que mais com seu peso o Mundo agrava,
Na vista divinal, que me encantava,
Roubou luz à minha alma, e luz ao dia.

Não mais, Dor, Fado meu, Dor, meu costume,
Cedo a paz gozarei, que o peito anela,
Nos olhos do meu Bem, do Céu já lume;

Junto à Ninfa imortal, na Estância bela,
Os dias perenais, que vive um Nume,
Irei (Nume em ser seu) viver com Ela.

“Bocage.”

SONETO

"Il n'est de malheureux que les coeurs détrompés."
Voltaire. Merop. Trag.

Em vão, para tecer-me um ledo engano,
Filosofo ostentoso industrias cansa;
Diz-me em vão, que exalando-se a esperança,
Repousa na apatia o peito humano.

O nauta a soçobrar no Pego insano
Vê rir ao longe a cérula bonança;
A mente esperançosa enfreia, amansa
Os roncos, e as bravezas do Oceano.

Se nos míseros cai da mão dos Fados
O negro desengano, ei-los ansiosos,
E à desesperação, e à fúria dados.

Doirai-nos o porvir, oh Céus piedosos!
Justos Céus! dêem sequer jardins sonhados
As flores da ventura aos desditosos.

"Bocage."

"Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage, por ocasião de se ter dito, que recebera o Sagrado Viático."

SONETO

Depois que a teus ouvidos grata voa
Mensagem pura, que ante os Céus te expia,
Por mil Sóis, Urbes mil, por Láctea Via
Jove ao próprio teu lar desce em pessoa: *[1]*

Colóquio amigo, que entre os Dois ressoa,
Par não sofre em ternura, em energia,
É dum Cisne expirante a melodia,
É a frase eficaz dum Deus, que troa:

Consagrados eis são Mortal, e Imenso;
Fogem súbito ao pacto renovado
Vã lida, torpe inveja, e morbo intenso!

Rasgou-se o véu do núbilo teu Fado;
Dás frágil mirra por eterno incenso,
D'Home és Nume, de Vate és invocado.

"De Santos e Silva."

[1] Contracção de Jehova.

"Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage, achando-se o A. molesto."

SONETO

A Musa, que bebeu contigo alento,
Que ao lado teu paixões comerciava,
Os sons, que alegre outrora derramava,
São ais viúvos, que dirige ao vento.

Dentre meus braços te apertar sedento,
Por vingar o intervalo soluçava,
Que a mal firme existência me embargava,
Sem que pudesse olhar-te um só momento.

Se não pude fartar voraz saudade,
Inda mádida a face, enternecida
Chora males do amigo em soledade.

Minha alma em tua dor toda embebida,
Implora em ais, em pranto aos Céus piedade,
Ama doirar-te a tenebrosa vida.

"De Pedro José Constâncio."

"Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage."

SONETO

Entre as flores, que as Graças bafejaram,
Curvas de Elmano à prepotente Lira,
Vénus brincando com Adónis gora,
Dando-se beijos, que em rosais cevaram.

Assim contentes horas deslizarão,
Ao som canoro, que o prazer inspira:
O Céu pendente extasiado admira!..
Té que os Numes de inveja ao som raivarão.

Dedos torpecem!.. arrebentam cordas!..
Cumpriu-se a voz de um Deus, cumpriu-se a Sorte,
Em quanto, Eco chorosa, os tons recordas.

C'roai-o, ó Ninfas, panteai-lhe a morte:
E ao menos, Jove, que em prazer transbordas,
Deixa vê-lo de cá na etérea Corte.

"Do mesmo."

SONETO

Pungido pela dor, banhado em pranto,
Desato, Elmano, minha voz truncada,
Que de gemer, de suspirar cansada,
Acha o rouquejo no lugar do canto.

Debalde em pragas mil a voz levanto
Contra o Cipreste, lúgubre morada,
Que de funéreas Aves carregada,
Te condensa o pavor, o susto, o espanto.

Para baldar o agoiro, em vão tentara
Loiros dispôs em mimo esperançoso,
Que na aridez não vinga a ténue vara.

Rouba-me embora, ó Fado rigoroso,
Esse que Lísia, o Mundo assoberbara,
Que o pranto é meu, prantearei saudoso.

"Do mesmo."

"Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage."

SONETO

Embebido na sólida Verdade,
Zombas dos Ímpios, que sem pejo ou medo,
Decifram de Mistérios o segredo;
Trevas a nós, e Luz à Eternidade:

Adoras a Suprema Divindade,
(Teu futuro Juiz ou tarde ou cedo)
Na fé se adoça teu remorso azedo,
Esp'rando a divinal Tranquilidade.

Loucas Paixões, que fomentaste outrora,
(Feiticeiro Manjar dos flóreos anos,
Que o Juízo maduro não vigora)

Esses gostos fatais, gostos mundanos,
Expiando na dor, que te devora,
Ganhas um Deus, e choras os Profanos.

"Joaquim António Soares de Carvalho."

ELOGIO AO PÚBLICO

"Em nome de uma Actriz da Rua dos Condes."

A Musa, que nas Cenas de Ulisseia,
Não sem gloria, ajustava o métro à Lira,
De Elmano o só tesoiro (a Sócia mesta
Da quase muda cinza, aérea sombra)
Inda um salvé tremente à luz envia,
E dá versos à Pátria, ou dá suspiros,
Da nobre Gratidão pelo órgão puro.
Oh Lísia! Escuta os sons, talvez extremos;
Que do seio afanoso, a custo, exala:
(O Cisne diviniza os sons da Morte)
Ouve, em metro não baixo, ouve alto afecto,
Que me honra o coração, na voz me ferve,
E no Pátrio favor a ardência nutre.
Recente Arvorezinha em chão bravio,
De humor celeste definhando à mingua,
(E mimosa jamais de um Sol fagueiro)
Eu para a Terra, para a Mãi pendia,
Que os sucos mesquinhava ao tenro Arbusto,
Talvez de produzi-lo arrependida.
Eis braço, a que apiedou meu ser já murcho,
Me extrai, propicio, do Terreno avaro,
E em liberal torrão me põe, me arreiga.
Súbito esperta, súbito enverdece
A Planta moribunda, e qual sé, ó Lethes,
Aferrasse a raiz nas margens tuas,
Que das Fúrias o bafo esteriliza.

Influxo animador me alteia, e folha;
Hálito ameno de vivaz Favónio
Com macios vaivéns me embala os ramos,
Flores me adornam, frutos me ataviam:
Os sorrisos da Pátria, os mimos dela
Estas boninas são, são estes frutos.
Das trevas, e da Morte as Aves feias,
(De atra voz, em que o Fado ás vezes soa)
Fogem d'entorno a mim, carpindo agouros,
Nas agras, negras furnas vão sumir-se;
E na coma louçã gorjeia encantos
Teu Cantor, Primavera, o vosso, Amores.
Quanto sou, quanto valho, à Lísia devo,
E à Lísia o coração na voz consagro.
Acolhe com ternura, acolhe, ó Pátria,
As Oferendas por mim do triste Vate,
Que para te cantar surgiu da Morte,
E em ânsias balbucia o tom dos Numes:
Honra deste ao Cantor, dá honra ao canto.

"Bocage"

ODE

"Ao Senhor Manoel Maria Barbosa du Bocage."

Do boto engenho a sequidão, e a mingua
Supri, vós Amizade, e sentimento,
E a frase ingénua, a Candidez saudosa,
Tebeus tesouros valham.

Tinta sempre de negro a Fantasia,
Em vão tacteia o viço dos Prazeres;
As sombras medram, desaparece o esmalte
Dos Parnásidos sonhos.

Ansiado o coração, palpita, e pede
Amenos quadros, que o vigor lhe abonem;
Mas, o seu opressor, o Pensamento,
Se produz, produz luto,

E como afugentar, banir-lhe as trevas
Se de hum, se de outro lado eu sinto, eu vejo
Duros arremessões, pendentes golpes
Do meu verdugo, o Fado.

Daqui me aponta a pálida Amizade,
O Amigo, o Vate, o Pensador, o Tudo
(Sócio nas ditas, e nas mágoas sócio)
Desviado, e penando.

Dali me punge o indómito Destino:

Novo Tântalo eu sou! Vejo a Ventura,
Cresce o desejo, esforços se redobram,
Mas não posso abrangê-la.

Impertinentes, fáceis Conselheiros,
Sisudo Aristocrata me pretendem
Sistema, e Génio me proidem; sofro
Afanoso contraste.

Nos grilhões de um dever, que me flagela,
Nem do meu coração disponho livre!
Quantas vezes me vês, Amor, oh quantas!
Cobiçar-te, e fugir-te

Na varia compressão, no cerco infando
De Pesar, e Pesar conheço o pouco,
Que resiste a Razão, e quanto, e quanto
Filosofia é fútil!

A Sensação despótica ensurdece
Da sã Prudência ao madurado Aviso,
E contra a inata propensão dos Entes
Política o que avulta?

Mente quem me disser, que em homens cabe
Não gemer, se Aflição irrita, e lacera:
Não mais pode o Atilado, o Sapiente,
Que evitar-se ao naufrágio.

Eu, que desde a bem-vinda Primavera,
Em que a Luz da Razão dourou meu clima,
Tive sempre comigo, e meus Destinos
Atinada peleja.

Votado desde então a Amor, e ás Musas,

Filosofo, os espinhos acamando,
Horas tenho, assim mesmo, em que a meus olhos
A existência negreja.

Ditoso tempo aquele, Elmano, o caro,
Que em amiga união (volvendo a teia
Do Porvir, do passado, e do presente,)
Nos dávamos constância!

Então (oh! tempos, que valeis saudades)
Amizade interesses enlaçando,
Delicias extraia às mãos da sorte,
Que trovejava inútil.

Então as Ninfas do Pierio esquivo,
Com teus Olímpios sons extasiadas,
Folgavam de me ver medrado Aluno,
Rastear-te, e com gloria.

Ah! bem que nos separa oculta força,
Inda te segue o sócio Pensamento:[1]
Se Poder, e Vontade condissessem,
Moniz fora contigo.

Menos agros talvez teus dias foram,
E os turvos dias meus, que enlutam mágoas,
Com doce languidez amenizara
O Prazer fugidio.

Matiz equivalente a Paraísos,
Variado entre Amor, entre Amizade,
Me enchera o vácuo da existência ensossa,
Que se definha inerte.

Eu amo, eu sou amado, eu lucro, eu gozo;

Mas, aí! que a um dia de prazer sucedem
Dias, e dias de Aflição teimosa,
Que o coração me azedam.

Amas, como eu também, também amado,
Mas avesso Poder te engelha os frutos,
Que já colheste em tempos fortunosos
De perpétua lembrança!

Cumpria, que a Amizade supridora
Instantes afagasse amargurados,
Mesmo dentre os negrumes do Destino
Tirasse um riso a furto.

Infelizes de nós, se não restasse
No fundo d'alma, de sofrer cansada,
Divino não sei que, que aos males todos
Nos torna sobranceiros.

Eia, pois ao porvir se apele, Elmano,
Fonte de gostos, ideais amenos,
O Fôlego alargando ao sofrimento,
Leda Esperança ondeia.

Ela espinhos cruéis em flores torna,
Sustenta o fio, e dá sabor à vida;
Retém suicidas mãos, angustias doura, [2]
Deve ser nosso Numen.

Se dize com Ovídio: “Eu perdi forças, [3]
Perdi cor, e mal cobre a pele o osso,”
Também com ele eu digo: “Imensos males [4]
A velhice me avançam.”

A Aurora do Prazer talvez que enflore,

Ermo invernoso da existência nossa,
Á Fama vividoura, assombros novos
Na Lira então daremos.

"Por Nuno Alvares Pereira Moniz."

[1] *"Afectus que animi, qui fuit ante manet."*
Ovid. Trist. lib. 5. Eleg. 2.

[2] *"Me quoque conantem gladio finire dolorem,*
Arguit, injectas continuit que manus."
Ovid. de Pont. lib. I. Eleg. 6.

[3] *"Nam neque sunt vires, nec qui color ante solebat,*
Vixque habeo tenuem, quae tegat ossa, cutem."
Ovid. Tris. lib. 4. Eleg. 6.

[4] *"Me quaque debilisat series immensa laborum,*
Ante meum tempus, cogor et esse senex.
Ovid. de Pont.

"Carminibus quaero miserarum oblivia rerum."
Ovid.

ODE

"Ao Senhor Nuno Alvares Pereira Moniz"

Já meu estro, Moniz, apenas solta
Desmaiadas faíscas;
Em que as frouxas ideias mas se aquecem;
Elmano do que ha sido
Qual no gesto desdiz, desdiz na mente;
Diástole tardia
Já da fonte vital me esparge a custo
O licor circulante,
Que é rosa entre os jasmins de virgem Face,
Que outr'ora esperto, aceso
De santa Agitação, de Ardor sagrado,
No cérebro em tumulto
(Estância então de um Deus!) me borbulhava.
Respiração Divina,
Entusiasmo augusto, alma do Vate!
Que rápidos portentos,
Portentos em tropel, não deste à Fama,
Não deste à Natureza,
Á Pátria, ao Mundo, a Amor na voz de Elmano!
Ora, aplanando os sulcos,
Com que a Saturnia mão semblantes lavra,
A Razão pensadora
Erguia aos graves sons o grave aspecto:

Ora ao ver-se anteposto
Por deleitosa insânia, a Ela, a Tudo,
O grato, Ciprio Nume,
Fadava docemente o doce canto
No Coração de Anália.
Oh êxtase! oh relâmpagos da Glória!
Faustos momentos de ouro,
Com que meu grão comprei na Eternidade!
Do Tempo meu voando,
Do Tempo que anuviam negros Males,
Brilhais inda em minha alma,
Entre sombrias, áridas Ideias,
Qual entre Aves escuras,
(Órgãos do Agouro, Interpretes da Morte)
Requebros anulando,
Das Aves de Citéra o coro alveja...!
Mas ah, saudosos Dias,
Vós sois memória só, não sois influxo!
Não me reluz convosco
O Espirito, abismado em funda trevas,
Com gasto, débil fio
Prezo à Matéria vil, que ralam Dores!
Ante meus olhos tristes,
(Que já d'amiga luz se despediram)
Sai de eterna Voragem
Vapor funéreo, que exalais, oh Fados!
Eis meu termo negreja,
Eis no Marco fatal meu fim terreno!...
Mas surgirei nos Astros
Para nunca morrer: com riso impune
Lá zombarei da sorte.
Moniz! oh puro Amigo: oh Sócio! oh Parte
Do já ditoso Elmano!
Ás Musas, como a mim, suave, e caro!
De lágrimas, e flores

Honra-me a cinza, o túmulo me adorna,
Não só longa Amizade,
Novo Sacro Dever te exige extremos:
Da Lira minha herdeiro
Menu Nume Febo, e teu te constitui;
Febo apôs mim te augura
Vasto renome, que sobeje[1] aos Evos:
(É dos Anos vantagem,
Não vantagem do Engenho a precedência)
Teu metro majestoso,
Que já, todo fulgor, zoilos deslumbra,
Teu metro cintilante,
Das virtudes mimoso, aceito ás Graças,
Turvem saudades: canta
Alguma vez de Elmano, e chora-o sempre,
E Amor, e Anália o chorem:
Amor, e Anália, meus piedosos Numes.
Sem, por mim suspirem.

"Bocage"

[1] Em Lucena, e em outros Quinhentistas de sumo apreço, vem sobejar por exceder.

Por largo campo, indómito, e fremente,
Corre o Nilo espumoso:
Feroz alaga a rápida corrente
O Egipto fabuloso:

Mas se na grã carreira, ás ondas grato,
Tributo de caudais rios aceita,
Soberbo não rejeita
Pobre feudo de incógnito regato.

"Diniz." Ode I.

ODE

"Por ocasião da noticia, que grassou no Porto, das melhoras do Senhor Bocage."

Cisne de imenso voo! ave, que roja,
A medo se abalança aos teus louvores.

Dentre a que, eterna, lá no abismo estala
Imensa chama, que acendeu o Imenso,
Torva ululando, à região do dia
Surge a mirrada Inveja.

Seu hálito empestado a luz sufoca,
E seca, e mirra as arvores, as flores;
Dragão, de línguas três, na dextra arrocha,
Alça na outra o facho.

Silvam-lhe horrendas na tostada fronte
Víboras crespas, de que está coalhada;
Nutre nos peitos ávida serpente,
De insaciável fome.

Atro veneno a língua lhe destila,
A língua, que de víbora parece:
Vós Górgonas, vós Fúrias, tu Medusa,
Não sois mais horrorosas.

De espaço meneando as azas longas,
Demanda vagarosa a Estígia margem;
E ali, prendendo o voo, descendo à terra,
Que, ao senti-la, estremece.

Ali em subterrânea, em ampla furna,
Desde a infância dos séculos formada,
Dura, imutável lei impondo a tudo,
Reside a Morte horrenda.

Montão enorme de esbulhados ossos,
De crânios secos lhe compõem o trono,
Assoma no alto o descarnado Monstro,
A férrea fouce em punho.

Voam-lhe em roda Lémures, Espectros,
Jazem-lhe aos pés as lívidas Doenças:
O silencio, o pavor, a escuridade
Ali, perenes, moram.

Nos quatro cantos de horrorosa estancia
Quatro ciprestes lúgubres se elevam;
Aves sinistras, rouquejando agouros,
Entre os ramos se aninham.

Para aqui se encaminha a Inveja torpe:
Tremendo, aos pés do trono se apresenta;
Frio terror os membros lhe entorpece
Ao encarar o Nume:

Mas, assanhando a roedora serpe,
Que no peito lhe pasce, a dor veemente
Lhe esperta o coração, lhe volve o acordo;
E assim troveja a Fúria:

“Deusa, dominadora do Universo,
Cujo império vastíssimo confina
Co'a muralha da imensa Eternidade:
Branda meu rogo afaga.

Já vezes mil o tétrico veneno
Das serpes, que me toucam, que alimento,
Fez em teus lares borbulhar o sangue
De vitimas sem conto,

Serviço não vulgar, que te hei prestado,
Jus me confere a não vulgar indulto:
Vinga-me, ó Deusa, de um Mortal soberbo,
Que ousa afrontar-me impune.

Elmano, o caro a Febo, e caro a Lísia,
C'roado ha muito de imurchável louro,
Sobre o ludibrio meus alçou ufano
Trofeu de eterna dura.

Com pé robusto esmigalhou valente
(Da peçonha mortal nem foi tocado)
Víboras, que arranquei da trança horrenda,
Para arrojar-lhe ao seio.

Tentei vãmente enegrecer-lhe a Fama,
Que nívea, e pura os Orbes divagava!
Meus baldados projectos só servirão
De aviventar-lhe o lustre.

Chusmas de Zoilos, meus fieis Ministros,
Em vão em meu favor as armas tomam:
Relampagueia o Vate, e nos abismos
Baqueiam, aterrados.

Mirrada de pesar, baixei ao Orco,
E ali fui prantear a injúria minha:
Gritos, que então soltei de dor, de raiva,
Inda nele retumbam.

Foi-me contudo bálsamo suave
Á dor cruel, que me ralava o peito,
O grato anúncio, de que o Vate odioso
Roçava o ponto extremo.

Mortífero aneurisma prometia
Romper-lhe antes de muito os nós da vida!
Meu coração folgou, desafrontado,
Co'a próxima ventura.

Já com sôfregas mãos, tintas em sangue,
No Báratro compunha atroz peçonha,
Para ensopar-lhe as sossegadas cinzas
No tácito jazigo.

Porém, ó Deusa, se, exercendo a Fouce,
O demorado golpe não desfechas,
As, que alimento, gratas esperanças,
Qual fumo, se esvaecem.

Sim, ás contínuas súplicas de Lísia,
Como que o Fado a fronte desenruga;
Brado, macio já, como que intenta
Deferir-lhe propicio.

Ah! e quanto, inda assim opresso, enfermo,
Quando me afronta, me assoberba Elmano!
Seu Estro sempre o mesmo, sempre em chamas,
Raios me vibra intensos.

Todos de Lísia abalizados Cisnes
Melífluo canto em seu louvor modulam;
Roto ao porvir (mercê de Apolo) o seio,
Vida fadam-lhe eterna.

E serei, ai de mim! assim calcada,
Sem que possa vingar-me!..” Aqui lhe brotam
As lágrimas em fio, entre soluços
Sufocada, emudece.

Depois de curto espaço, a Morte horrenda,
A fronte definada meneando,
Alça a medonha voz, e assim responde
Á consternada Fúria:

“Não te desdenho, ó Filha: do meu trono
Tu és robusto apoio; os teus serviços
A obrigação me impõe de ser-te grata:
Morrerá quem te afronta”

Disse; e n’astea da Fouce o corpo firma,
Ergue-se, e ensaia para o voo as azas:
Nos cantos da caverna os negros Mochos
Soltam da morte o grito.

Eis que estranho clarão, rompendo as trevas,
Súbito inunda a lôbrega morada;
Eis aparece (mortal raio à Inveja)
Em branca nuvem Lísia.

Brando sorriso esmalta-lhe o semblante,
Nos olhos o prazer lhe reverbera,
Luz-lhe na dextra lâmina de bronze,
Qual astro, fulgurosa.

Com garbo majestoso a vestidura
Sobraça roçagante; e assim que arrosta
O Nume aterrador, na voz suave
Tais expressões lhe envia:

“Chorosa, amargurada, longo tempo
Curva ante o Sólio do adorável Fado,
Ferventes rogos, húmidos de pranto,
Fiz subir-lhe à presença.

De Elmano, do meu Vate a vida em risco:
Meu coração materno consternava:
Ele era a gloria minha; ela morrera,
Se morresse o meu Vate.

Rejeitado, porém, não foi meu rogo:
O Fado para mim sempre benigno,
Risonho me outorgou (mercê não ténue)
O suspirado indulto.

Eis o Decreto seu:” (e entrega ao Monstro
A lâmina de bronze.) Ao vê-lo a Parca,
Depondo a curva Fouce, inclina a frente,
E reverente o beija.

“Cumpre-se, ó Lísia, (diz) a Lei do Fado.”
Exulta Lísia, e pressurosa surge
Da habitação medonha: opacas sombras
De novo ali se espessam.

Oh que horrendo espectáculo não era
A Inveja furiosa, ardendo em raiva!
Da dextra, da sinistra a serpe, o facho
Arremessa convulsa.

As melenas, frenéticas, arrepela,
E de áspides alastra o pavimento;
Na boca, onde as espumas são veneno,
As maldições lhe fervem.

Torcendo, e retorcendo os vesgos olhos,
Vagueia delirante a vasta furna:
A Morte, a própria Morte, ao ver-lhe as fúrias,
Treme no trono horrendo.

O Fado, contra quem vomita o Monstro
Negra turma de pragas, indignado
Manda ronque o trovão, fuzile o raio,
E sobre ela desabe.

A Fúria, remordendo-se, baqueia,
E no bojo inflamado o Inferno a sorve.
Em tanto a grande Lísia, exultadora
Voa a abraçar seu Filho.

EPÍSTOLA

"Feita no julgado último período de vida do Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage."

EPÍGRAFE

"Rebus angustis animosus as que
Fortis apare."
Horat. Od. 7. liv. 2.

Se pode um mocho, piador nas selvas
Brancas plumas cobrar, surgir de noite,
E dos pios colher vozes sonoras,
Tendo assumpto sem par, Heróis cantando!
Não sou ave infeliz, odeio as trevas;
Minha essência mudei; encaro o dia,
O dia, que nasceu na luz d'Elmano.
Ó tu Dominador, de quem domina
No medonho poder d'escuro pego,
Onde morre o Vulgar, existe o Grande;
Em que ufana de Ti a Eternidade,
Dos limites saiu, mandou soberba
Aos Futuros pasmar, tremer aos Fados;
E nos Livros ao tempo sobranceiros
O teu nome esculpir, dar vida ás letras;
Que sedentas té'li de iguais talentos,
Sem a mira lançar a mais, ou tanto,
Novo campo não dão a novo entalhe.
Acolhe os versos meus, os meus louvores,

Que o pejo sufocou; mas cede o pejo
Á voz da Gratidão, que em mim ressoa.
Que inaudito prazer me surge n'alma!..
Elmano, Elmano meu, do Mundo gloria,
Quando penso que os sons adormecidos
Da Lira (que em temor cede à vontade)
Vão dos Astros romper luzente Espaço,
Indo aos Numes levarão, que é dos Numes
Esta empresa, que os Céus no seio acolhem,
De que és justo credor, que humilde of'reço,
Há-de a Jove aprazer, durar em Jove.
Se ao jugo dos Mortais, se ao Fado, à Morte
Inda liga tua alma a térrea massa,
Se em tormentos, se em ais, se em dor, se em pranto
A substância languesce, que te anima,
E de humano a pensão (dever custoso)
No continuo pular do sangue ardente *[1]*
Encaras com temor; temor não tenhas!
A morte para o Sábio é gosto, é vida.
Assim o grão Camões, de Lísia esmalte,
E das grandes Nações portento, espanto,
Na desgraça morre, viveu na morte!
E o Nume atroador de Pólo a Pólo,
Por cem áureos canais fendendo os ares,
Inda o nome do Herói espalha ufano,
Inda alentos lhe dá, vida mais nobre.
Quebradas as prisões aos ser terreno,
Que te veda subir de Vate a Nume,
Há-de os tubos encher com sopro estranho,
E teus versos mandar ao Céu da Glória.
Não julgues, que se, Herói, zombas da morte,
Encarando teu mal desdenho o pranto
Há-de Lísia chorar, darão os Lusos
Do pranto, que a razão sanar não sabe,
Grossas águas ao Tejo caudaloso,

Que dos limites seus fugindo irado,
Vá ao Ganges levar, levar ao Nilo
A noticia cruel, que humanos punge:
E Josino (que a vida assaz molesta
Nos ombros lhe sopesa alonga os dias
Que, d'Elmano vivendo assim distante,
Hão-de o manto roubar à noite escura!)
A tristeza dará da morte o prémio.
Revive, Elmano, pois no Etéreo Reino;
Que eu, em quanto tiver vitais alentos,
Hei-de em ti prantear d'Amigo a falta,
E de Vate, e de Herói ceder ao pasmo.

"José Joaquim Gerardo de Sampaio."

[1] Aludo ao aneurisma, uma das principais moléstias, que o atormentam.

"Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage, achando-se o A. molesto."

EPÍSTOLA

O Sábio não vai todo à sepultura,
Na memória dos homens brilha, e dura.
"Rim. du Bocag. T. a."

Um triste, um infeliz, da Sorte avessa
Tragando o fel dos ais, o fel da vida,
Saúda um triste, que abraçar não pode,
Penhora em letras, mensageiras d'alma,
Os eflúvios da cândida amizade,
Os saudosos gemidos, que te envia,
Elmano, que em soluços te evaporas,
Que atropelado pela dor intensa,
Soltas dos lumes teus acerbo pranto,
Que em vão te banha as faces enlutadas,
Que tenta em vão desenrugar teus Fados.
Mas ah! cobra valor; constância, Amigo:
Esforçada razão represe as mágoas,
Que a horrenda fantasia, nebulosa
Avulta em quadros, em que tudo é negro.
Se ela dá brilho, se a existência afaga,
Debuxando na ideia deleitosa
Glórias, prazeres, júbilos, encantos;
Também nos males nos acurva a mente
Com duplicados, hórridos pavores.
Baldar o sentimento ao corpo aflito

Não quero, Elmano, que também sou homem.
Se Zeno, se Platão sorrindo em ânsias,
Não mostraram na face a cor do medo,
Que eram diremos corações de bronze?
Sentirão, que a desgraça a todos punge;
Porém sofreram com tenaz constância,
Engolfados na sã Filosofia.
Se qual viveram, tal morreram ledos;
Porque não seguiremos os seus passos?
Foram doutra matéria, que não somos?
Forram doutro talento, que não tenhas?
Quem da convulsa natureza, opressa
Falseia em parte os hórridos embates,
É sobranceiro à morte em gloria firme:
Se tu com ela nos degraus luzentes,
Librado sobre os extasis divinos,
Néctar libaste na Apolínea Mesa;
Porque tremes das sôfregas voragens,
Em que se abisma a Natureza toda?
Que saudades do Mundo te acompanham?
Por quantos males se não compram ditas,
Que bem qual o relâmpago se esvaem!
Que te valeu na Pátria modulando,
Da boca deslizar tesouros d'alma;
Ora cantando de Marília a face,
Aonde se remoça a flórea Gnido;
Ora abrasado em ralador ciúme,
Praguejando o rival de teus amores;
Detestando a cruel, a fementida;
Ora carpindo a *[1]* flor cortada em breve,
Que acordava o botão medrando em risos;
Enriquecendo em fim a Pátria, o Mundo
Nos vivos quadros da Moral prestante?
Se horrorosos baldões o prémio foram;
Se isto se diz viver... se o Mundo é isto...

Não tens que suspirar; esquece a Terra!
Não sucumbas ao peso da desgraça:
Se te borbulha um Deus na mente acesa,
Quem 'sta cheio dum Deus não teme a Morte.

“De Pedro José Constâncio.”

[1] Aludo ao Idílio da Saudade Materna, feito pelo Senhor Bocage.

"Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage."

"Tu ne cede malis; sed contra audentior ito,
Quam tua te Fortuna sinet......"
Æneid. 6. vers. 95.

É nos revezes que aparece o Sábio,
Que dum peito através, que a Dor crucia,
Reluz um coração, virtudes todo:
Nunca de Atenas o lustroso esmalte,
O Mestre da Moral, o Deus dos Sábios,
D'alma heróica mostrou mais nobres rasgos,
Que ao entrar na prisão com rosto alegre,
E ao beber a cicuta airoso, e forte.
De Roma nos Anais, que o Mundo assombram,
Não teve cabimento Herói mais claro,
Que um Séneca, fiel ás leis sagradas
Da Virtude, e Dever , aos pés calcando
Cruas perseguições, desterro iníquo,
Sobranceiro ao rigor dos Céus, da Terra.

Nem somente entre as hórridas refregas
Do proceloso mar, ou nos combates
D'alma forte ressumbra ardor valente:
Da virtude é também teatro o leito;
Neste mais de uma vez provou-se o Sábio:
Encara com desdém o Sábio a morte,
Certo que a preço tal se merca a vida.

Temos mui nobre, e remontada Essência,
Viemos povoar Terráqueo Globo
De mui alto lugar; e a prova, Elmano,
Em nós mesmos se dá, julgando escassa
Humilde habitação, d'arte os portentos,
De Arquitectura, e luxo assombros claros,
Que um leve sopro esboroa, esmaga, e prostra;
Não temendo largar tão baixa esfera.

É das dores cruéis o termo a morte!
Entre desgraças mil sempre vagando,
De moléstias sem fim alvos constantes;
Bem como acontecer deve aos que aberram
Do seu clima natal, e estranho habitam.
Só depois de existir puras substancias,
Despidas do grosseiro, e térreo manto,
Gostaremos prazer sadio, estreme.
Filosofia, és tu, quem dás ao Homem
Do sepulcro despir-lhe o medo, o tédio;
Por ti (qual destro nauta exp'rimentado,
Que rasgado o velame, os mastros rotos,
Co'as ruínas da não prossegue a rota),
Não sucumbe o Mortal da morte à face,
Não lhe desbota do semblante as cores,
Da constância o vigor não lhe entorpece
Buído ferro, que centelhas vibra;
Da vida o termo com sorriso encara,
Como se alheio fosse, e não seu termo.

Génios transcendentais, que o mundo honraram,
Não temerão largar barrenta capa,
Que mesquinha entorpece os voos d'alma:
Do divino Platão, o Sol da Grécia,
Ouve atento o clamor, no peito o encerra:
“O espirito do Sábio anela a morte,

Nela medita, e a quer: sempre que tende
Fora de si; tais são seus apetites.” *[1]*
Quanto ao sumo chegou do fim jaz perto:
Fruto, que sazonou co'a Primavera,
Do Outono na estação não orna as mesas!
Quanto mais clara resplandece a chama,
Tanto mais pronta afraca, e se amortece:
Tais os Engenhos; quanto mais sublimes,
Tanto mais breves são; que é perto o Ocaso,
Donde falta o lugar ao crescimento.

E pois, Elmano, te guindas-te ao cume
Do Horizonte, onde és Sol de Lísia aos Vates,
Cujas centelhas dão calor aos Génios,
Dão brio, dão vigor para ir à gloria,
Postergando montões de vis insectos
De efemérico ser, d'aspecto ingrato;
Não deves estranhar, que Atropos dura
Se antecipe a cortar-te o fio à vida;
Ela, que sem respeito ao Moço, ao Velho,
Se apraz de encher de luto, e pranto o Mundo.

Ah! Se a vozes de dor se move a Parca,
Se do Destino as leis transtornos sofrem,
Verás, Elmano, decorrer teus dias
A par dos de Nestor, Tu, que o semelhas
No mel, que vertem teus divinos lábios.
Lísia, desfeita em ais, banhada em pranto,
Ante as aras de um Deus mil preces solta
Pela conservação do seu esmalte,
Do seu Génio melhor, da Glória sua,
E aos de Lísia Filinto une os seus votos.

“Fr. Francisco Freire.”

[1] *"Sapientes animum tetum in mortem prominere, hoc vele, hoc meditari, hoc semper cupidine ferri in exteriora tendentem."* Senec. Consol. ad Marciam.

“Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage.”

EPÍSTOLA

Ruindo lá do Báratro medonho
Lúgubre som, motivador do pranto,
Que as faces molha de enlutada Lísia,
De ti, ó Vate, reclamava o feudo;
Já lá do Abismo horrendo as fúrias torpes,
Por ordem de Plutão na terra surgem;
Da vil matéria, do que é pó, que é nada,
Opaco manto de endeusados génios,
Rabidas rompem o ordenado todo.
“Murchas esp'ranças mais a mais fraquejem,
Sentimento mortal, tristeza baça
Nos Lusos corações a dor espalhe;
Apenas cinza, o que já foi Elmano.”
Esta do Averno a voz, a lei da Morte,
Que às funerais Irmãs o Monstro intima!
Do Sena pelas margens saborosas,
Pelas praias do Ganges, do Áureo Tejo,
Assustadas de horror as Ninfas clamam;
A lei maldizem, que lhes rouba a gloria,
Carpindo o mimo, que as honrava tanto.
Os alunos de Apolo ao nume enviam
Entre cortados ais, sentidas vozes,
Votos provindos do profundo d'alma,
Quais os da Gratidão, e os da Verdade:
Co'as mentes cheias de saudade infinda,
Teu nome, ó caro Elmano, a Jove lembram;

No fogo ardente de sonoros Hinos,
Escudados da cândida amizade,
Da justiça, é dever, da gloria Tua,
Um Nume Criador, que uniu os Entes,
Um Deus, um justo Deus piedoso dobrão.
Eis de repente na brilhante Esfera
Risonho assoma o dia, a noite foge;
Raia alegre o prazer, somem-se as trevas;
Abrem-se as portas do sulfúreo Averno,
E à feia escuridão as Fúrias tornam.
Esforça-se a razão, estudo, e arte
Das garras a salvar a preza excelsa:
Angélico tropel ao leito adeja;
Da Sacra Região baixando os voos
Do Vate aos lares, a melhora guia.
No Olimpo os Numes a harmonia prezam,
Afeitos a escutar da terra os Vates.
Oh como de prazer exulta o peito!
E mano, Elmano vive, oh Céus, oh dita!
Por ele a gloria, e honra em Lísia abundam;
Cisne do Tejo, que trespassa a meta,
Licita a raros de adejar cansados.
Fadem teus dias fortunosos lances.
Praza aos Céus compassivos, que inda eu possa
Ver-te imune ao mal, que te consterna;
Porque possas também dar vida à Fama
De deslizado Herói, que a cobardia
Pendura nos portais do Esquecimento;
E as azas desprender em canto altivo,
(Dos Voltaires, Camões, dos Tassos digno)
Em lustres de Varão, que imortalizes.
Virente louro não me cinge a frente;
Tolhem meus gressos as varedas ínvias
Ao bipartido Cume, ao sacro asilo
Dos almos Génios, onde entrar não posso:

A ser-me dado, intrépido verias
Em durável engaste, em Padrão d'oiro
Ir assomar teu nome além dos Evos;
A ardentes Vates, que o Porvir esconde,
Engenhos como Tu, mover-lhes pasmo;
Mostrar-te como exemplo ás Plagas Lusas,
Disparando o trovão, vibrando os raios,
Imagens vivas, que dão alma ás pedras;
Em quanto as graças em Gertruria bela
Com os doces folgazões amores brincam;
Quando surge da Estância a torva inveja,
Ou trilhas sem desdouro o Lácio augusto:
Do filho de Sulmona unindo a cinza,
Fazendo-o reviver com pompa egrégia
Em veste alheia; mas tão nobre, e rica,
Que equivale ao valor dos próprios trajes.
Quisera agora ter o dom de Elpino,
Invadir com teu nome a Eternidade......
Mas ah que delirei: oh mente louca!
Não precisas de quem de ti precisa:
Ri-te, ri-te de mim, ó grande Elmano
Mas dos desejos não, dos sãos desejos.

"De João Galvão Mexia de Sousa Mascarenhas."

"Ao Senhor Manoel Maria de Barbosa du Bocage."

EPÍSTOLA

Vate, que adoro, portentoso Elmano,
Imagem do Saber, do Pindo gloria,
Apolíneo Cantor, Cantor divino
Dos Jardins, onde impera a Natureza;
Escuta os versos meus, escuta os versos,
Que dita o coração, dita a amizade.

Depois, com que pesar o pronuncio!
Que entrei na estancia triste, onde sucumbe,
Aos impulsos da Dor, Razão, Constância, *[1]*
Diluvio amargo de saudoso pranto,
Me inunda as faces, me consterna o rosto.

Já mais um só instante, ó caro Elmano,
Se minora a tristeza, que me oprime;
Meu activo pesar, minha amargura,
Bem não podem narrar toscas palavras:
Excede a dor humano sofrimento!
Saudades que a minha alma aflita sente,
Podem-se imaginar; mas não dizer-se.

Ah quando penso em ti, eu me arrebato:
Futuras produções imaginando,
Não cesso de chorar a falta, a perda,
Que as Belas Letras, Séculos vindouros
Chorarão, como eu, se a morte horrível

Inda em flor decepar teus caros dias.

Deste asilo da lúgubre Tristeza,
Onde os dias, ás noites semelhantes,
Eu passo envolto em luto, envolto em pranto, *[2]*
Te envio tristes ais, ternas lembranças,
Que meu peito fiel a ti consagra;
Escuta-as, se é possível, (pois o triste,
Com as queixas do triste se consola,)
No meigo coração grato as acolhe;
E conhecendo a dor, que assim me fere,
Pondera as mágoas, que suporta, e sente
Falmeno, que sem ti vive morrendo.

Sujeito ao mando teu por lei, por gosto,
Te envio (como amargo talvez útil)
O Folheto de meus insulsos versos:
Quem quer escravo ser de teus preceitos,
Sem já mais hesitar, deve cumpri-los
Embora o Zoilo vil louco me chame,
E pura sujeição julgue vaidade. *[3]*

Adeus, meu caro Elmano, adeus amigo,
Os teus ais, aos meus ais unidos sejam;
Unidos vão soar na azul esfera,
Augurando amizade além da morte.

[1] Aludindo à exasperação em que o vi lutando, na ocasião em que excessivas dores muito o atenuavam.

[2] A grave moléstia do Amigo, e o próximo falecimento da minha Mãe, me inspirou os três versos acima, em tudo conformes aos meus sentimentos.

[3] Já mais me atrevera a enviar o Folheto dos meus insípidos versos a tão abalizado Mestre, se a sua determinação me não obrigasse a tanto: as desculpas que exijo, e as causas que alego no Prólogo do dito Folheto, não bastão a evitar a critica, que

na verdade merece a publicidade de semelhantes Poesias, ás quais ao presente não dou valor algum.

SONETO

Nesta horrível morada da saudade,
Onde choro, e lamento o teu Destino,
Dirijo preces mil ao Ser Divino,
Que dita o coração, dita a amizade.

Fiel inclinação, pura verdade
Repete ardentes votos de contino:
Tranquilo suportara o mal ferino,
Se pudesse escusar-te a Enfermidade.

Quanto fora feliz, meu caro Elmano,
Se a vida, que te oferto, vida escura,
Em teu lugar sofrera o cruel dano;

Então com gosto olhara a sepultura;
E resgatando o Herói, alegre, e ufano,
Meus dias entregara à Morte dura. *[1]*

"Por Felisberto Ignacio Januário Cordeiro."

[1] Se os versos dos dois tercetos parecerem afectados, e excessivos; para se pensar de modo contrario, baste a lembrança, de que o homem verdadeiramente Filosofo, que tem uma existência triste, e pouco interessante, não terá nunca dúvida (sendo possível) em sacrificar a sua vida à duração da dos homens sábios, úteis, e necessários á Republica das Letras, e à Sociedade Civil.

FIM.